

ATUAÇÃO DA EQUIPE DE ENFERMAGEM NO MANEJO DE SINTOMAS DA DOR TOTAL

MARIA RODRIGUES SARAIVA¹; TATIANA LUCKOW²; ELINTON MÜLLER MINCHOW³

JULIETA CARRICONDE FRIPP⁶:

¹Universidade Federal de Pelotas 1 – svrmaria25@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – tatianaluckow@gmail.com

³Cuidativa- Centro regional de Referencia em Cuidados Paliativos UFPel – elintonminchowr15@gmail.com

⁴Cuidativa- Centro regional de Referencia em Cuidados Paliativos UFPel – julietafripp@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A Organização Mundial da Saúde (OMS) conceitua os Cuidados Paliativos (CP) como uma abordagem assistencial cuja finalidade é promover a melhoria da qualidade de vida de pacientes, sejam adultos ou crianças, bem como de seus familiares, diante de doenças crônicas ou potencialmente ameaçadoras à vida. Os Cuidados Paliativos englobam um conjunto abrangente de intervenções ativas, que incluem a avaliação e o manejo da dor, assim como de outros sintomas que possam causar sofrimento, sejam eles de ordem física, psicossocial ou espiritual. Essa abordagem destina-se não só aos pacientes, mas também aos seus familiares e cuidadores de saúde, estende-se desde a fase inicial do cuidado paliativo até o final da vida, contemplando também o acompanhamento no período de luto (CORMAN et al., 2025).

Do ponto de vista epidemiológico, estima-se que mais de 56 milhões de pessoas no mundo necessitem de CP, das quais aproximadamente 25 milhões estão em fase final de vida. A maioria dessa população encontra-se em países de baixa e média renda, sendo 76% adultos acima de 50 anos, com prevalência de câncer (28,2%), doenças cerebrovasculares (14,1%) e demência (12,2%) como principais condições associadas (D'ALESSANDRO et al., 2023). Esses dados evidenciam a crescente demanda global por Cuidados Paliativos e a necessidade de sua integração em todos os níveis de atenção em saúde.

A equipe interdisciplinar é indispensável nos Cuidados Paliativos, ao possibilitar atender dimensões físicas, psicológicas, sociais e espirituais de pacientes e familiares. A integração entre diferentes profissionais favorece planos de cuidado mais completos, comunicação eficaz e maior qualidade da assistência (GAMONDI; LARKIN; PAYNE, 2013). Nesse sentido, a OMS reforça que a abordagem interprofissional garante não somente o controle de sintomas, mas também o suporte psicossocial, espiritual e emocional, promovendo dignidade e qualidade de vida durante a doença e no processo de luto (WHO, 2020).

Diante disso, o presente estudo visa analisar a atuação da equipe de enfermagem no manejo dos sintomas da dor total, considerando seus aspectos físicos, emocionais, sociais e espirituais. A fim de compreender de que forma o cuidado integral contribui para a melhoria da qualidade de vida dos pacientes em Cuidados Paliativos.

2. DISCUSSÃO

A experiência da dor é singular para cada paciente, estando profundamente relacionada às suas percepções individuais. Fatores de ordem social, psíquica,

espiritual, familiar e financeira são reconhecidos como determinantes na compreensão do conceito de dor total.

O contexto de dor trazido por Cicely Saunders permite múltiplas intervenções para o controle, centradas em um cuidado integral e digno, promovendo cuidado para os pacientes, até seus últimos dias de vida. Ressalta-se que o cuidado destinado a esses pacientes transcende o manejo medicamentoso dos sintomas, uma vez que a comunicação efetiva entre paciente, família e equipe de saúde configura-se como ferramenta essencial para promover conforto, reduzir o sofrimento e favorecer a qualidade de vida, princípio fundamental que orienta os Cuidados Paliativos (MACHADO et al., 2022; PEREIRA et al., 2023).

O Manual de Cuidados Paliativos do Ministério da Saúde esclarece que a dor pode ser classificada segundo seu mecanismo fisiopatológico, sendo essa a abordagem mais utilizada. Nessa classificação, a dor pode ser nociceptiva, subdividida em somática e visceral, ou neuropática. A dor nociceptiva ocorre quando há dano tecidual transmitido por um sistema nervoso intacto, resultando de um estado de excitação prolongada do sistema somatossensitivo, com inflamação contínua e hipersensibilização periférica e central.

A dor neuropática, por sua vez, manifesta-se de diversas formas, sendo mais comuns as sensações contínuas de queimação, choque ou alodinia mecânica. Outros relatos frequentes incluem dor em aperto, pressão, fisgada, formigamento, agulhadas, frio doloroso, apunhaladas e prurido.

A equipe de enfermagem desempenha papel central no manejo da dor total em pacientes em Cuidados Paliativos, adotando uma abordagem integral que considera os aspectos físicos, emocionais, sociais e espirituais do sofrimento (KITTELSON et al., 2015). A avaliação sistemática da dor, aliada à aplicação de intervenções farmacológicas e não farmacológicas baseadas na Escada Analgésica da Organização Mundial da Saúde, permite ajustes individualizados do tratamento e promove alívio efetivo do sofrimento (KITTELSON et al., 2015; RIVERA-BURCIAGA et al., 2022).

A Sistematização da Assistência de Enfermagem (SAE) constitui-se em um instrumento fundamental do trabalho do enfermeiro, ao organizar e direcionar a prática assistencial. Esse recurso possibilita o conhecimento acerca do quadro clínico do paciente em determinado momento, além de subsidiar a identificação das necessidades de cuidado e a definição dos resultados esperados frente às intervenções propostas pelo profissional. Os Cuidados Paliativos configuram-se como uma abordagem multidisciplinar voltada à melhoria da qualidade de vida dos pacientes e de seus familiares, contemplando todas as suas dimensões. Tal abordagem fundamenta-se na prevenção e no alívio do sofrimento, por meio da identificação precoce, do tratamento e do controle da dor, bem como do manejo de outros sintomas de natureza física, psicológica e espiritual (SILVA et al., 2020).

Entre as estratégias de cuidado, destaca-se o papel do enfermeiro como mediador, capacitando pacientes e familiares por meio de mecanismos de enfrentamento. Para além das habilidades técnicas, compete a esse profissional oferecer apoio e suporte emocional, auxiliando-os a vivenciar de forma menos dolorosa as situações decorrentes dos Cuidados Paliativos. Nesse contexto, a Sistematização da Assistência de Enfermagem (SAE) configura-se como ferramenta essencial, ao possibilitar um atendimento direcionado às necessidades do paciente e de seus familiares, abrangendo não somente os aspectos físicos, mas também as dimensões psicológicas, sociais e espirituais (SILVA et al., 2020).

Ademais, a educação contínua e a sensibilização cultural da equipe de enfermagem são essenciais para garantir cuidados equitativos, personalizados e

centrados nas necessidades do paciente (RIVERA-BURCIAGA et al., 2022). Dessa forma, a atuação da enfermagem em Cuidados Paliativos deve ser abrangente, integrando práticas baseadas em evidências, atenção individualizada e sensibilidade cultural, assegurando um cuidado humanizado e efetivo na mitigação da dor total.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No Brasil, observa-se um aumento expressivo na demanda por Cuidados Paliativos, impulsionado pelo envelhecimento populacional e pela maior prevalência de doenças crônicas e degenerativas. Essa modalidade de cuidado caracteriza-se por sua perspectiva interdisciplinar, composta por médicos, enfermeiros, psicólogos, assistentes sociais e outros profissionais que atuam integradamente. Do ponto de vista ético e acadêmico, os Cuidados Paliativos fundamentam-se no respeito à autonomia do paciente, na preservação da dignidade humana e na valorização das escolhas individuais (LIMA; SANTO; ALMEIDA, 2024).

A implementação e expansão dessa prática, bem como sua incorporação na formação de futuros profissionais de enfermagem, são essenciais para assegurar uma assistência integral, que contemple não somente os aspectos clínicos, mas também os contextos emocionais, sociais e espirituais vivenciados pelos pacientes e seus familiares. Essa abordagem favorece um cuidado mais humanizado, sensível e alinhado às necessidades complexas inerentes ao processo de adoecimento e finitude (LIMA; SANTO; ALMEIDA, 2024).

Nesse cenário, a atuação da equipe de enfermagem no manejo da dor total assume papel central, ao possibilitar uma assistência que ultrapassa o controle físico dos sintomas e alcança dimensões mais amplas do sofrimento humano. O reconhecimento da dor em sua totalidade permite intervenções que envolvem acolhimento emocional, apoio social e fortalecimento da espiritualidade, promovendo dignidade e qualidade de vida ao paciente. Além disso, a enfermagem exerce função essencial no suporte aos familiares, contribuindo para enfrentarem de forma mais amparada e consciente os desafios do processo de Cuidado paliativo.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASTRO, M. C. F. de *et al.* Total pain and comfort theory: implications in the care to patients in oncology palliative care. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v. 42, p. e20200311, 2021.

CHUNG, V.; SUN, V.; RUEL, N. *et al.* Improving palliative care and quality of life in pancreatic cancer patients. **Journal of Palliative Medicine**, v. 25, n. 5, p. 720-727, 2022. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/34704841/>. Acesso em: 19 ago. 2025.

CORMAN, Maya *et al.* Exploring the concept of Total Pain in contemporary oncology palliative care: a qualitative study on patients' resources. **BMC Palliative Care**, v. 24, n. 1, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.1186/s12904-025-01719-0>. Acesso em: 19 ago. 2025.

D'ALESSANDRO, M. P. S. (ed.) *et al.* Manual de Cuidados Paliativos. 2. ed. **rev. e ampl.** São Paulo: Hospital Sírio-Libanês, Ministério da Saúde, 2023. 424 p.

em: 19 ago. 2025.

GAMONDI, C.; LARKIN, P.; PAYNE, S. Core competencies in palliative care: an EAPC white paper on palliative care education – Part 2. **European Journal of Palliative Care**, v. 20, n. 2, p. 86-91, 2013. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/289310063>.

HASSANKHANI, H.; RAHMANI, A.; TALEGHANI, F. *et al.* Palliative care models for cancer patients: Learning for planning in nursing. **Journal of Cancer Education**, v. 35, n. 1, p. 3-13, 2020. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/31020622/>. Acesso em: 19 ago. 2025.

KITTELSON, S, M.; ELIE, M.C.; PENNYPACKER, L. Palliative care symptom management. **Critical Care Nursing Clinics of North America**, v. 27, n. 3, p. 315-339, 2015. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/26333754/>. Acesso

LIMA, C. A.S.; SANTO, E. M. S. E.; ALMEIDA, J.S. A importância da enfermagem no cuidado paliativo e sua abordagem desde a graduação. **Revista JRG de Estudos Acadêmicos**, v. 7, n. 15, p. e151719, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.55892/jrg.v7i15.1719>. Acesso em: 20 ago. 2025.

MACHADO, L. C. *et al.* Aplicabilidade dos cuidados paliativos no manejo do paciente com dor total / Applicability of palliative care in the management of patients with total pain. **Brazilian Journal of Development**, v. 8, n. 1, p. 6343-6352, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.34117/bjdv8n1-428>. Acesso em: 19 ago. 2025.

PEREIRA, R. A. *et al.* Dor total nos pacientes em cuidados paliativos oncológicos: percepção fenomenológica dos residentes de enfermagem. **Revista Pró-UniverSUS**, v. 14, n. 3, p. 115-121, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.21727/rpu.v14i3.4051>. Acesso em: 19 ago. 2025.

RIVERA-BURCIAGA, A. R.; PALACIOS, M.; KEMERY, S. A. Educating for equity in palliative care: Implications of the Future of Nursing 2030 Report. **Journal of Professional Nursing**, v. 42, p. 134-139, 2022. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/36150851/>. Acesso em: 19 ago. 2025.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). **Palliative care**. Genebra: WHO, 2020. Disponível em: <https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/palliative-care>. Acesso em: 19 ago. 2025